A photograph of a forest floor. In the foreground, a large tree trunk is covered in thick green moss. The ground is covered with fallen leaves, twigs, and other forest debris. In the background, several other tree trunks are visible, creating a dense forest scene. The lighting is soft and natural, suggesting a shaded forest environment.

Jardim Botânico de Porto Alegre

50 Anos
Conservando
a Flora Gaúcha

Jardim Botânico de Porto Alegre

50 Anos

Conservando

a Flora Gaúcha

Porto Alegre, RS

2009

Referência

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Jardim Botânico de Porto Alegre: 50 anos conservando a flora gaúcha.** Porto Alegre: 2009. 72p., il. (Publicações Avulsas FZB, 15)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

F981j Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Jardim Botânico de Porto Alegre.
 Jardim Botânico de Porto Alegre: 50 anos conservando a flora gaúcha/
Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Jardim Botânico de Porto Alegre. –
Porto Alegre: 2009.
 72p.: il. (Publicações Avulsas FZB, n.15)

1. Jardim Botânico de Porto Alegre – História. I. Título. II. Série.

ISSN 0100-5363

CDU 712.253: 58(816.5) (09)

Bibliotecária: Elga Ratnieks Barbedo- CRB-10/436





Mensagem da Direção

Ciente do seu compromisso com as gerações futuras, a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul edita esta publicação comemorativa, que registra os 50 anos do Jardim Botânico de Porto Alegre.

Sem perder o foco em sua missão, qual seja “realizar a conservação integrada da flora nativa e dos ecossistemas regionais, consolidando-se como centro de referência para a pesquisa, a educação, a cultura e o lazer, contribuindo para a qualidade de vida”, o Jardim Botânico vem se desenvolvendo, durante este período, a partir de importantes marcos referenciais.

Neste contexto, muitas pessoas foram responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento do Jardim Botânico. Num primeiro momento os idealistas, que não desistiram nos momentos difíceis, de lentos avanços e muitas dificuldades. Tantos anônimos, não menos importantes que os nomes mais lembrados, que nominar pessoas seria um risco de cometer injustiças. Por esse motivo, o mais justo nesse momento nos parece destacar apenas um deles: o idealizador, Irmão Teodoro Luís, que concebeu a criação de um jardim botânico em Porto Alegre, a exemplo de outros que já existiam no país e fora dele.

Como primeiro diretor, foi obstinado na defesa dos seus ideais, fortalecidos pelo conhecimento da flora do nosso Estado. Como conservacionista, antevia os riscos, assumindo posturas corajosas e inovadoras.

Além dele, os funcionários, que no passado dedicaram grande parte de suas vidas, alguns dos quais ainda permanecem no quadro funcional da instituição, representando a memória viva do nosso Jardim Botânico, em cada pedra colocada, em cada muda plantada,





nos caminhos construídos e nos exuberantes conjuntos de vegetação representativos dos ecossistemas do Estado.

Direções e colaboradores se sucederam, enfrentando desafios e ameaças, superadas, entretanto, com determinação e união.

Parabéns a todos, que de uma certa forma contribuíram para chegar até aqui. Desejamos que, nos próximos 50 anos, este crescimento continue fortalecido, tornando o nosso Jardim Botânico, cada vez mais, um orgulho para a sociedade gaúcha e referência para a comunidade científica.

Artur Lemos Junior
Presidente da FZB-RS

Raquel Corine Scalabrini
Diretora Executiva do Jardim Botânico







Apresentação

*Os Ventos da Primavera
nos jardins tiveram o zelo
de se perfumar entre as flores
para dançar em teus cabelos
(Luiz Coronel)*

Para o homem, os ambientes naturais proporcionam serviços que transcendem a biodiversidade que detêm. A manutenção dos mananciais hídricos, a fertilidade do solo, a estabilidade climática, a qualidade do ar, entre outros processos, são vitais para garantir as possibilidades de desenvolvimento econômico e social em bases sustentáveis. Portanto, ao assegurar a conservação de frações significativas dos nossos ecossistemas, estaremos contribuindo para a nossa própria sobrevivência. Neste contexto, a conservação da flora é um elemento igualmente importante, pois cumpre uma função insubstituível nos diversos ambientes naturais mundiais. (Soares, 2004)

A conservação pode ser entendida como toda e qualquer ação desenvolvida para preservar genomas, espécies, populações, ecossistemas, ou biomas da erosão genética, degradação ou extinção, constituindo tarefa de segurança nacional para garantia de desenvolvimento e qualidade de vida das atuais e futuras gerações. É de todos, portanto, a tarefa de contribuir para que se alcance esse objetivo comum.

Entretanto, os jardins botânicos espalhados pelo mundo têm sido importantes instrumentos para o desenvolvimento científico e metodológico, fundamentais nos processos de conser-



vação e recuperação da flora, bem como para o apoio a diversas iniciativas provenientes de todas as esferas sociais.

Neste contexto, o Jardim Botânico de Porto Alegre, órgão executivo da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, norteia-se por uma visão global a longo prazo, integrando os objetivos comuns dos jardins botânicos brasileiros, congregados na Rede Brasileira de Jardins Botânicos (RBJB) e as estratégias globais de conservação do BGCI (Botanical Gardens Conservation International).

Um marco histórico-estratégico importante foi, nesse sentido, a declaração da missão institucional específica do Jardim Botânico de Porto Alegre, que passou a definir na forma de uma diretriz seu propósito dentro da Estratégia Global dos Jardins Botânicos em escala mundial. Dela derivam seus objetivos e programas de ação, consolidados em seu Plano Diretor (disponível em www.fzb.rs.gov.br/jardimbotanico/downloads/planodiretor) e que constituem a essência de suas relações com a sociedade e o território gaúcho.

Atuando direta e indiretamente na conservação da flora, tem como ponto de partida as políticas e planos ambientais nacionais e internacionais, aos quais contribui na forma de ações diretas, *know-how* e parcerias de trabalho, integrando técnicas de conservação “*in situ*” e “*ex situ*”.

Priorizando o trabalho com espécies raras, endêmicas ou ameaçadas de extinção, busca acessar material biológico oriundo de diferentes locais para cada espécie, visando a proteção dos recursos genéticos e garantia de equilíbrio, variabilidade, diversidade e adaptação das plantas produzidas ou resgatadas aos locais de origem e destino.



Bem Vindos

Jardim
Botânico

Porto Alegre



Vista aérea da área de ocupação do Jardim Botânico, tendo, ao fundo, prédio sede da Administração Central da Fundação Zoobotânica do RS e do Museu de Ciências Naturais.





Marcos Referenciais

“A área original da antiga chácara do Visconde de Pelotas, compunha-se de 81,5 hectares, compreendendo a elevação de um morrinho granítico a 50 metros sobre o nível do mar, vales de alguns arroios à sua periferia, marginados por várzeas de regular extensão. E o terreno sobre o qual se assenta, é parte do complexo cristalino do Escudo rio-grandense, uma das mais antigas formações da terra, revestida por um manto vegetativo sui-generis, que contém algumas espécies encontradas unicamente aqui.”

(Irmão Teodoro Luís)

O Jardim Botânico de Porto Alegre passou, ao longo de sua história, por várias etapas de estruturação e diversas fases de amadurecimento de seu trabalho e do seu papel na sociedade.

A idéia de organizar um jardim botânico em Porto Alegre é muito antiga. A primeira foi de Dom João VI, fundador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e que chegou a mandar as primeiras mudas para a capital do Estado. No entanto, estas mudas chegaram somente até o município de Rio Grande, onde algumas foram plantadas, e das quais existe um remanescente, que é o eucalipto histórico da cidade.

Nesta direção outras tentativas foram encaminhadas, mas sem sucesso. Entretanto, em 26 de outubro de 1953 (Lei N° 2.136), uma área de 81,5 hectares, originalmente ocupada pela Colônia Agrícola Juliano Moreira do Hospital Psiquiátrico São Pedro, foi destinada para a criação do Jardim Botânico de Porto Alegre.



Em março de 1957, o Irmão Teodoro Luís foi nomeado pelo Governador do Estado, Engenheiro Ildo Meneghetti, para dirigir os trabalhos de implantação do Jardim Botânico. No dia 4 de abril do mesmo ano a área foi liberada e, em 10 de setembro de 1958, foi aberta ao público a primeira parte da obra projetada.

Em 1959, a Lei nº 2.022 formalizou a denominação de Jardim Botânico e, em 1960, foi iniciada a construção da Casa das Suculentas, também conhecida como *Cactário*, tendo sido inaugurado em 1º de maio de 1962, pelo então Governador de Estado, Engenheiro Leonel de Moura Brizola.

A partir da década de 1970, diante de crescentes evidências de ameaças à flora regional, o foco do trabalho do Jardim Botânico passou a ser a conservação das plantas nativas do Estado, enfatizando a manutenção de coleções “ex situ” (fora do ambiente de origem) e incrementando as incursões botânicas.

Em 1972 foi criada a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e, em 1974, o Jardim Botânico integrou a instituição passando, inclusive, por um redesenho de sua área, adotando um novo projeto de uso.

Em 1975, passou a contar com um viveiro de produção de mudas e, em 1983, a ter uma sede administrativa e setor de serviços, abrigados no subsolo da Fundação Zoobotânica, onde permaneceu até o ano de 1997, quando foi construída a sede própria.

Com a criação, em 1986, do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), o Jardim Botânico foi registrado como órgão voltado para o fomento à cultura. Em 2003 o JB foi declarado Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1988, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul FAPERGS), inaugurou o Núcleo de Educação Ambiental.

Com o intuito de incrementar as relações interinstitucionais foi iniciado um programa de intercâmbio de sementes com diferentes jardins botânicos de outros países, com objetivo de desenvolvimento de pesquisas e em 1984 foi publicada a primeira edição do *Index Seminum* do Jardim Botânico de Porto Alegre. Esta publicação, com frequência anual, teve prosseguimento até o nº 10, tendo sido suspensa em consideração a necessidade de adequação à nova legislação brasileira que regulava a transferência de germoplasma (material genético que forma a base física das qualidades hereditárias).

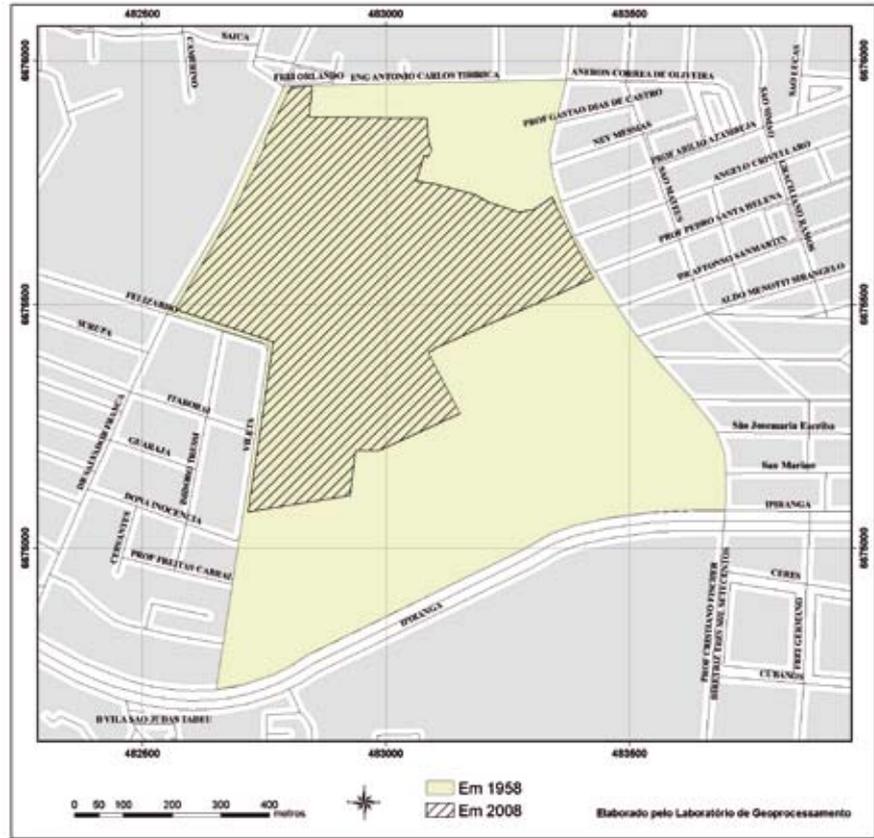
A partir de 1990 iniciaram os projetos de estruturação da Seção de Biotecnologia e Produção, instalação de um sistema de irrigação no Setor de Produção de Mudas e da infraestrutura da Educação Ambiental, e iniciada a informatização das atividades do Jardim Botânico.

As recentes estruturas integraram as ações e definições do organograma, que deu origem a um novo quadro de pessoal, viabilizando a realização de concurso público, que ocorreu em 2001, sendo o novo organograma implantado em 2002.

Ainda na década de 1990, surgiu o Pró-Guaíba – Programa para o Desenvolvimento Racional, Recuperação e Gerenciamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Guaíba, de cunho ambiental financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, que possibilitou a construção da nova sede administrativa e instalações de apoio operacional, além de estufas de coleções (cactáceas, bromeliáceas, orquídeas) e as instalações do Banco de Sementes.

Em 2004, foi publicado o *Plano Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre*, projetando sua atuação como unidade de conservação e como par-





Hoje o Jardim Botânico ocupa uma área de 39 hectares utilizada para visitação pública, e sede do próprio Jardim, da Administração da Fundação Zoobotânica do RS e do Museu de Ciências Naturais. No início da década de 1970, parte da área foi destinada para instalação da TV Educativa do Estado, espaço hoje ocupado integralmente pela FZB/RS.

te integrante da Fundação Zoobotânica e da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, ou seja, compatibilizando atividades técnicas e administrativas para o alcance de seus múltiplos objetivos.



A área do Jardim Botânico está localizada no perímetro urbano da cidade de Porto Alegre, no bairro do mesmo nome. Tem como limites as ruas Dr. Salvador França, Felizardo, Vileta e Tibiriçá e Av. Prof. Cristiano Fischer.





A Conservação Integrada

*O Céu, livre de qualquer espera
É cinza, azul e amarelo
Há pássaros bumerangues
Em suas coreografias
E o noturno canto
Salva os vivos de seus sonhos
(Dyane Silva)*

A maneira ideal de se conservar as espécies e suas populações é estabelecendo a conservação “*in situ*” (local original), permitindo a evolução dinâmica do ecossistema. A conservação “*ex situ*” (fora do local original), é uma forma complementar de conservação, mas é até hoje a mais utilizada, seja em banco de genes, sementes, “*in vitro*” ou plantas cultivadas em bancos ativos de germoplasma.

Hoje é cada vez mais difícil dispor de áreas naturais com destino exclusivo para a conservação, o que remete à necessidade de estratégias de promoção da **conservação integrada**, agindo em vários níveis de organização e abordagem, desde genética, biologia e ecologia de indivíduos, populações e espécies, a ecossistemas inteiros, preservando as interações entre estes elementos, também buscando abordagens que contemplem as necessárias interações com meio antrópico, onde se estabelecem as condições da conservação ambiental.

A complementaridade das técnicas e abordagens de conservação é destacada pela Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) como de suma importância para o alcance dos objetivos constantes na estratégia mundial de conservação.



Embora o Jardim Botânico não administre outras áreas de conservação “*in situ*” além da sua sede, suas atividades de pesquisa e exploração botânica são realizadas em todo o Estado, e têm permitido significativo aprofundamento no conhecimento e caracterização dos ecossistemas gaúchos e suas interfaces com a sócioeconomia.

As metodologias adotadas em ações de prospecção da diversidade da flora primam sempre pela qualidade do material, que comporá o seu acervo científico e as mudas produzidas para a utilização em projetos de recuperação de áreas degradadas, reintrodução de espécies ameaçadas em seus ambientes naturais e refletindo-se também na qualidade das mudas disponibilizadas para comercialização, o que constitui vantagem comparativa no mercado fomentado pelo crescimento da consciência ambiental e da responsabilidade social.

Para alcance destes amplos objetivos, o Jardim Botânico de Porto Alegre definiu diretrizes e objetivos específicos em diferentes programas de ação, que incluem atividades de Pesquisa e Produção de Informação, Manutenção de Acervo (Coleções), Expedições de Exploração Botânica, Propagação e Cultivo de Plantas e Educação Ambiental.







Pesquisa e Produção de Informações

*Não conheci trabalho tranqüilo
A não ser após ter cortado minha vida de trabalho
em duas partes quase independentes
uma sob o signo do conceito
outra sob o signo da imagem poética
(Gaston Bachelard)*

As pesquisas no JB iniciam nas expedições de exploração botânica, com a coleta de dados em campo sobre a caracterização dos ecossistemas visitados: avaliação da composição de espécies, localização, estado fitossanitário e condições de conservação de matrizes fornecedoras de material biológico, acompanhamento de épocas de coleta de frutos e sementes, ponto de maturação e forma de coleta de material biológico.

As plantas coletadas são identificadas, registradas e classificadas, visando o beneficiamento do material (secagem de frutos, extração de sementes), armazenamento, propagação e cultivo de mudas (em laboratório, casas de vegetação ou ao ar livre).

Quando atingem o tamanho adequado e condições de desenvolvimento, são incluídas no acervo de coleções, reintroduzidas na natureza ou disponibilizadas à sociedade, para apoiar campanhas públicas e privadas de plantio, integrando ações de recomposição da flora para fins de políticas públicas, ações educativas ou composição de áreas de lazer e comercialização.

As pesquisas abrangem as áreas de Propagação e Cultivo de Plantas, Etnobotânica, Fitosanidade, Manejo de áreas antropizadas, Interpretação Ambiental, e ações integradas da Conservação da Biodiversidade, apoiadas pelo Programa de Exploração Botânica, com expedições regulares a todas as regiões do Estado.





Expedições de Exploração Botânica

*No aquário dos sapatos
Sinto os pés como dois peixes
Há dez dias que nas calças
Lê a chuva o mesmo texto*
(Fernando Kopropski)

As expedições de exploração botânica tem a finalidade de realizar coleta e incrementar as coleções científicas, com a obtenção de material vegetativo para produção de plantas e abrangem todas as regiões do Estado, com o intuito de coletar material de cada espécie de interesse em diferentes locais.

O planejamento das expedições leva em conta locais de ocorrência das espécies de interesse e as épocas mais adequadas para sua coleta (época de florescimento ou frutificação) e os locais específicos onde são encontradas as plantas-matrizes são conhecidos com o auxílio dos proprietários das áreas e apoio de órgãos públicos dos municípios.

Cada material individual coletado constitui um “acesso” (material botânico de uma planta, em um local, em uma data), o qual é caracterizado através de uma ficha de campo que contém informações usadas para o registro de coleções do Jardim Botânico. Este contém dados de coleta e plantio, em forma de banco de dados, atrelados a um código numérico que é atribuído a cada registro.

Após a chegada no Jardim Botânico, as sementes são encaminhadas ao Banco de Sementes, para beneficiamento e armazenamento, enquanto as mudas coletadas são acondicionadas em vasos onde permanecem durante um período de adaptação até sua inclusão no acervo. A coleta de mudas só ocorre quando não são encontradas sementes e não representa ameaça para a população em questão.





Propagação e Cultivo de Plantas

*Forte como cobra coral
Semente brotando em qualquer local
Com um velho ou novo cartão postal
(Luiz Melodia)*

Após o registro, beneficiamento, qualificação e eventual armazenamento no Banco de Sementes, as sementes ou propágulos são colocados para germinação, com a finalidade de pesquisa e desenvolvimento de métodos de cultivo ou para a produção de mudas em maior escala.

Sementes imaturas, ou em número insuficiente para testes no Laboratório de Sementes, são direcionadas ao Laboratório de Cultura de Tecidos Vegetais. Neste, através de técnicas de biotecnologia, resgatam-se os embriões, mesmo em estágio prematuro, e induz-se a sua multiplicação, a fim de gerar o maior número de mudas possível a partir das sementes disponíveis. Em casos de espécies raras, cujos indivíduos remanescentes não frutificam mais, são coletados órgãos vegetativos, como folhas e ramos, por exemplo, para testes e propagação através de estaquia, ou micropropagação no Laboratório.

Algumas espécies ganham maior atenção, pois além de ameaçadas de extinção, muitas delas apresentam características ornamentais que sugerem seu uso como plantas decorativas em interiores ou mesmo jardins residenciais. Quando identificadas tais características, desenvolvem-se estudos de propagação e cultivo, acompanhados de divulgação entre os profissionais da Floricultura. Desta forma, estas espécies passam a ser propagadas e difundidas por representarem produtos potenciais, o que diminui o risco de extinção.



Por ser um órgão público de pesquisa, conservação e resgate da biodiversidade, o Jardim Botânico utiliza critérios que visam garantir a origem do material vegetal, desde a seleção dos locais de coleta até a produção e destino final das mudas, priorizando a diversidade entre as espécies. Isto permite disponibilizar à sociedade mudas apropriadas às condições de solo e clima dos diferentes locais onde serão utilizadas. Esta condição é fundamental para viabilizar a restauração e recuperação de ambientes, finalidades últimas das atividades de pesquisa, educação ambiental e conservação *ex situ*, que embasam as estratégias de conservação *in situ* e constituem componentes fundamentais da missão dos jardins botânicos em escala global.







Acervo em Coleções

*Acho lindo
o matinho humilde
que ali nasceu..
[na calçada quebrada]
Se o cimento vencesse,
Seria lápide mortuária,
Com inscrição invisível:
Aqui jaz o matinho mais vivo
mais teimoso
e inteligente
de toda a redondeza..
(Dom Helder Câmara)*

Quando o Jardim Botânico de Porto Alegre foi aberto ao público (1958), além de uma parte da sua infra-estrutura básica, já possuía coleções vivas, que compreendiam espécies de palmeiras, coníferas, cactáceas, agaváceas e liliáceas além de outros grupos de plantas com pequenas representações.

As estruturas destinadas a coleções vivas foram sendo pouco a pouco ampliadas e, a partir da década de 1970, o foco do trabalho do Jardim Botânico foi sendo alterado, para priorizar a conservação das plantas nativas do Estado, devido às evidências de ameaças à flora regional, que começavam a se avolumar.

Neste período foram iniciadas a formação das coleções de Mirtáceas, Leguminosas, Bigno- niáceas, Malváceas, Bromeliáceas, Orquidáceas, Pteridófitas e diversas coleções de grupos me- nores e a organização de associações típicas da flora regional, como o *Araucarietum* e formações heterogêneas. Mesmo que, de início, algumas coleções contassem também com espécies exóti-



cas, o enfoque maior sempre foi a conservação das espécies da flora e dos tipos de vegetação regionais.

Na década de 1980 surgiram o *Orquidário* e o *Jardim Rochoso* e, na década de 1990 vieram a coleção de *Gesneriáceas* do Sul do Brasil, e a coleção de *Cactáceas* do Rio Grande do Sul, as áreas de *formações savânicas*, as *coleções especiais* (ou coleções envasadas) e a área de *plantas medicinais*.

A coleção arbórea cultivada a céu aberto, denominada *Arboreto*, está distribuída em áreas representativas das diferentes formações vegetais existentes no RS, tais como, a Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa), a Mata com Araucária (Floresta Ombrófila Mista), a Floresta Estacional Decidual e Semi-Decidual e a Savana Estépica do Parque do Espinilho.

Também fazem parte do arboreto as áreas de *Mirtáceas*, *Arecáceas*, *Gimnospermas*, *Fabales*, *Bignoniáceas*, *Annonáceas* / *Rutáceas* / *Mirsináceas*, *Aráceas* / *Araliáceas* / *Acantáceas*, *Zingiberales*, plantas perfumadas, plantas de clima temperado e de Floresta Tropical, *Jardim Neozelandês* / *Australiano*, *Jardim Chinês*, *Melastomataceas* / *Condimentares*, *Cactáceas* do RS, *Jardim Rochoso* e as *Lianas* do RS.







Educação Ambiental

*Quero contar agora como esses devaneios
Se tornaram em mim devaneios que trabalham
O devaneio dos poetas coloca ordem em nós
(Gaston Bachelard)*

Os jardins botânicos, desde seu surgimento, mantêm fortes vínculos com a área educativa. Os primeiros jardins com coleções organizadas de plantas foram criados nos mosteiros europeus da Idade Média com o objetivo de estudar, catalogar e ensinar sobre as espécies vegetais usadas em tratamentos de saúde. Mais tarde, com o surgimento das primeiras universidades, as coleções de plantas estiveram presentes, ainda destacando as plantas medicinais. Um exemplo é o Jardim Botânico da Universidade de Oxford, o mais antigo da Inglaterra, construído no século XV e mantendo até os dias atuais importantes coleções de plantas com uso medicinal.

A partir da década de 1970, surge a educação ambiental como resultado da preocupação mundial com questões relativas à degradação do meio ambiente. Na mesma década, os jardins botânicos também assumem uma mudança nas suas atribuições, ressaltando seu papel na conservação da biodiversidade.

Logo fica evidente a relação entre educação ambiental e a missão dos jardins botânicos de conservar as espécies vegetais, que somente terão sucesso se incorporarem estratégias educativas capazes de despertar na sociedade o envolvimento necessário para a proteção ambiental. Desse modo, a dimensão educativa é uma característica essencial na própria definição do que é um Jardim Botânico, como é comprovado pelos documentos que regulamentam sua criação e funcionamento.



Nesse contexto, os jardins botânicos destacam-se como importantes centros capazes de aproximar e encantar as pessoas, principalmente os cidadãos urbanos, sensibilizando para o cuidado necessário na diminuição das ameaças ao mundo natural.

As primeiras atividades de educação ambiental no Jardim Botânico de Porto Alegre priorizaram a formação de professores, por meio de cursos que possibilitaram aos educadores um melhor aproveitamento do potencial educativo das coleções botânicas em suas visitas com estudantes.

Em 1988, foi construído o Núcleo de Educação Ambiental Irmão Teodoro Luís, atualmente conhecido por Centro de Visitantes ou “Escolinha do Jardim Botânico”, recebendo os visitantes com uma estrutura capaz de fornecer orientação, informações e atender demandas externas de escolas e outras instituições.

As visitas orientadas vêm crescendo ano a ano e, atualmente, atendem uma média anual de 18 mil visitantes, em sua maioria estudantes das redes pública e privada de ensino. Dentre as várias atividades cabe



ressaltar a importância das trilhas acompanhadas por guias, que oportunizam contato dos visitantes com amostras significativas da vegetação do nosso Estado, proporcionando o conhecimento de plantas cada vez mais raras, estabelecendo relações entre a vida humana e o mundo vegetal.

Além das trilhas e visitas, oferece cursos e oficinas ambientais para públicos variados, promove eventos culturais e atende várias demandas de escolas e outras instituições.

Dessa forma, a educação ambiental está inserida nas atividades de conservação do Jardim Botânico, sem se restringir ao estudo da Botânica, mas evidenciando as relações existentes entre o modo de vida da sociedade, os modelos de consumo e produção e a conservação da biodiversidade.

Quanto mais pessoas estiverem esclarecidas e comprometidas com o cuidado ambiental melhor será para todo planeta, principalmente para a espécie humana que é, ao mesmo tempo, a mais ameaçadora e a mais ameaçada.







O Jardim Botânico Hoje

*O que mata um jardim
Não é mesmo alguma ausência
nem o abandono...*

*O que mata um jardim
É esse olhar vazio
de quem por ele passa indiferente.*

Jardim Interior
(Mário Quintana)

Ao completar 50 anos, o Jardim Botânico atinge sua maturidade institucional, com a consolidação estrutural e afirmação de métodos de trabalho e gestão. Entra, assim, em uma nova fase de sua história, na qual deixa de ser apenas um parque ou área verde de finalidade recreativa, para assumir, cada vez mais, a dupla tarefa de abrigar uma Unidade de Conservação e ser instituição promotora da conservação da biodiversidade, apostando na diversificação de seus projetos e nas parcerias para o ganho de amplitude e efetividade em suas atividades.

Ao longo de sua existência, o Jardim Botânico firmou-se como instituição de referência na promoção de atividades conservacionistas, na pesquisa botânica, na educação ambiental e na prestação de serviços de assessoramento na área ambiental. O esforço coletivo de muitas pessoas

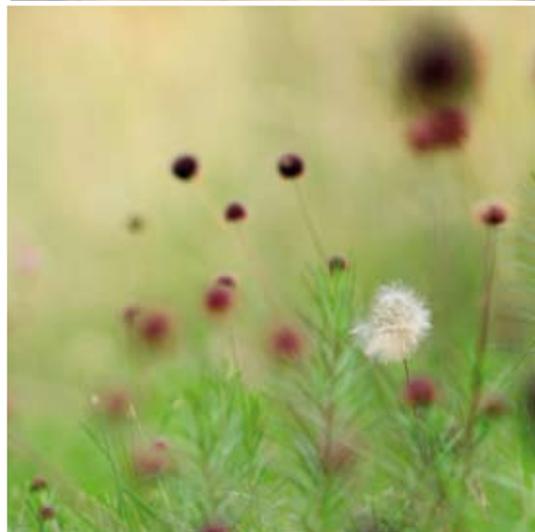
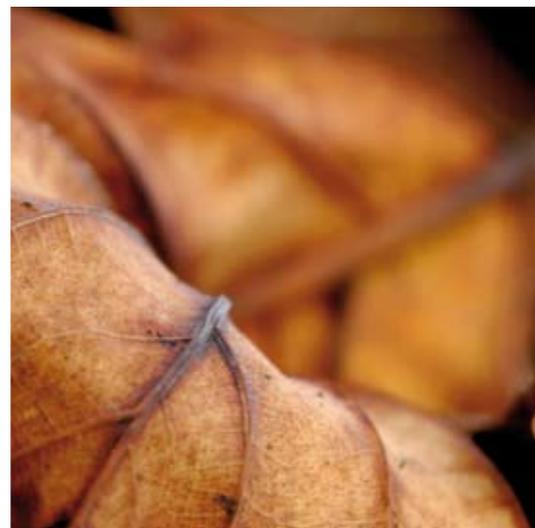


durante esse tempo, vem tornando o Jardim Botânico de Porto Alegre uma das áreas verdes mais significativas da cidade e um dos centros mais destacados de conservação “*ex situ*” do Rio Grande do Sul.

A busca constante de integração institucional e interinstitucional tem sido o norte para o estabelecimento de parcerias de trabalho em todas as atividades, e tem tornado possível diversos avanços, que de outra forma, não seriam viáveis, oportunizando uma crescente valorização social e ampliação de sua participação em instâncias consultivas e deliberativas na área ambiental.

Por tudo isso, o Jardim Botânico de Porto Alegre, hoje, tem se tornado, cada vez mais, uma referência para a cidade e o Estado nas áreas em que atua, ampliando e qualificando constantemente suas atividades, bem como aumentando ano a ano sua visitação. Desta forma, tem contribuindo para a qualidade de vida dos gaúchos, cumprindo assim com a sua missão institucional, atribuída pela sociedade no marco de sua criação.





Outros Olhares

*Na Correnteza da Vida **

Resido ao lado do Jardim Botânico há oito anos. Aqui encontrei paz, vontade de viver e começar uma vida nova. Quando aqui cheguei pesava 34kg. Era um momento de dor e solidão, de perda de meus entes queridos...

Mas, eu acreditava na vitória final do Espírito! Aquele era somente o início da germinação da semente “crística” plantada no mais íntimo do Meu Ser!

Era um tempo de expectativa, de mudança, até parecia que junto com Gaia, nossa mãe terra, eu estava no fim...

Mas, as profecias sobre o fim do mundo não aconteceram! Uma nova energia espiritual está chegando ao planeta Terra!

E foi aqui, no Jardim Botânico, que eu escrevi o livro “Na Correnteza da Vida”.

Eu me sentia como se estivesse nadando dentro dessa grandiosa correnteza da vida, até que um dia cheguei aqui no Jardim Botânico e encontrei os meus “irmãos pássaros” e minhas “irmãs tartarugas” e ainda encontrei belíssimas trilhas para caminhar debaixo de frondosas árvores, e ao lado da trilha achei um galho, presente da minha “irmã árvore”, símbolo do poder dos pajés, nossos irmãos índios que presidem as reuniões de suas comunidades e, em conjunto, tomam decisões sobre a guerra e a paz.





Com este cajado eu me sentia como uma peregrina no Caminho da busca espiritual em busca do Ser Divino que habita em todos nós.

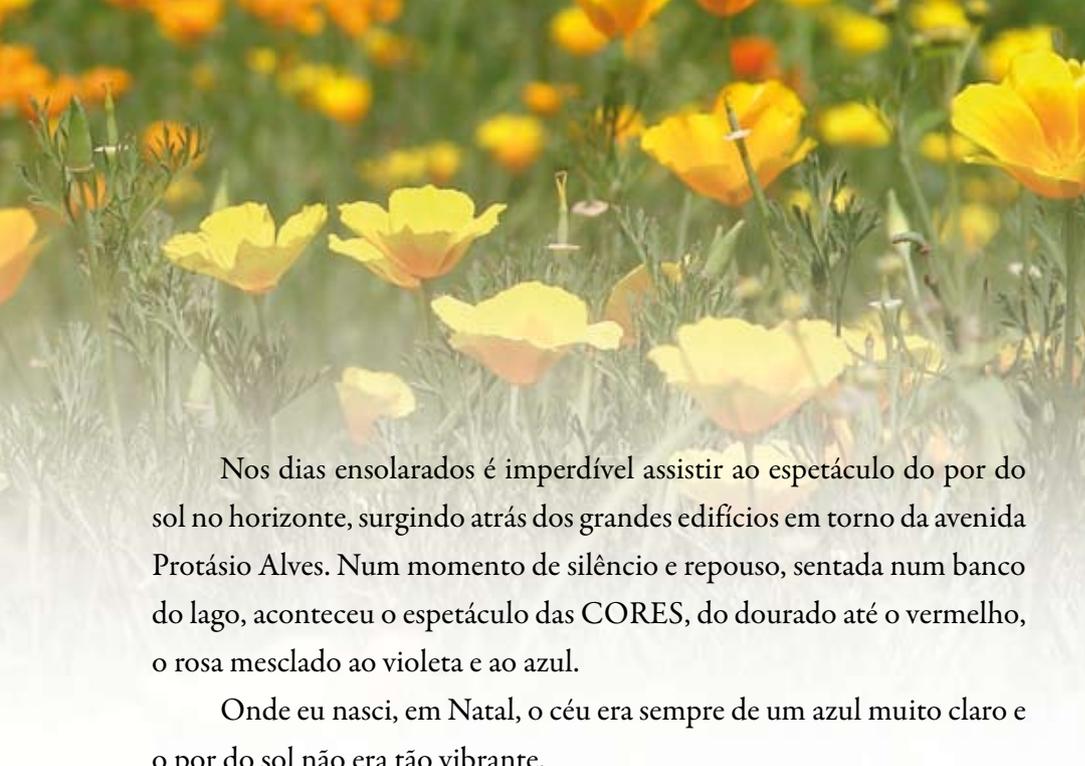
Assim como Buda sentou debaixo da figueira para meditar, também nós precisamos sentar sob a árvore que encontramos em nossa caminhada, para desfrutar da sombra, deixar de lado os desafios da vida humana e, simplesmente, destinar um momento para refrescar-se e usar esses momentos para recarregar as energias, meditar.

Estamos todos na correnteza da vida. Continuamos nossa viagem pelo AMOR e COMPREENSÃO que temos pelo nosso próprio Ser, confiando em nós mesmos, no nosso Ser Divino!

No Centro de Visitantes também encontrei bons amigos, acolhedores, felizes porque trabalham para o engrandecimento dessa obra fantástica que nos foi legada pelos nossos antepassados: o Jardim Botânico.

O Jardim Botânico presta um relevante serviço de apoio à rede escolar e a presença das crianças é sempre um motivo de alegria para os mais velhos.

No dia 30 de março de 2008 participei das atividades do “JardinAção” e tive a alegria de encontrar amigos da Brahma Kumaris, da Igreja Messiânica, do Grupo “Todos podem CRUzinhar”, além de assistir várias oficinas e apresentações artísticas. Houve meditação, troca de idéias, todos irmanados no sentimento nobre de amor e paz e, principalmente, de preservação do meio ambiente.



Nos dias ensolarados é imperdível assistir ao espetáculo do por do sol no horizonte, surgindo atrás dos grandes edifícios em torno da avenida Protásio Alves. Num momento de silêncio e repouso, sentada num banco do lago, aconteceu o espetáculo das CORES, do dourado até o vermelho, o rosa mesclado ao violeta e ao azul.

Onde eu nasci, em Natal, o céu era sempre de um azul muito claro e o por do sol não era tão vibrante.

Como médica, com formação holística e reconhecendo como excelente o trabalho hoje realizado pelos terapeutas e médicos que se dedicam à medicina Vibracional - Holística, recomendo que os idosos procurem conhecer o Jardim Botânico, a fim de fortalecer não só o corpo físico, caminhando e praticando exercícios físicos, mas também continuem aprimorando os seus conhecimentos, participando das várias atividades promovidas por esta instituição, não esquecendo de visitar as salas de exposição do Museu de Ciências Naturais.

Assim fazendo, estaremos colocando em função novos neurônios, evitando a perda da memória e outros desequilíbrios físicos e mentais.



• *Cândida Otero, 86 anos, médica pediatra, moradora no Bairro.*



*Um Porto Mais Alegre**

Toda cidade tem seus espaços que seduzem e fazem a diferença. Porto Alegre tem um paraíso que é o Jardim Botânico. Um passeio entre suas diferentes árvores, com suas flores perfumadas, seus lagos com peixes, tartarugas e até cisnes-negros produz vastas emoções. É um espaço terapêutico, pois quem chega ansioso e respira fundo se acalma ao ver tanta beleza. O incrível é que nossa cidade ainda não descobriu seu jardim.

O melhor passeio é de manhã cedo quando a vegetação está se acordando, cheia de orvalho que acentua seu perfume. As caminhadas pelas alamedas com plantas bem cuidadas produzem a sensação de se estar fora da cidade, no campo, em um lugar calmo, onde tudo contribui para o equilíbrio e a paz de espírito.



O Jardim nos reconcilia com a natureza em contraste com a vida urbana dos barulhos e fumaças. Aqui o meio ambiente é preservado e podemos sentir como isso melhora a qualidade de vida. Percorrer calmamente as dezenas de trilhas, ao longo dos lagos escuros e avenidas floridas, nos faz sentir no sagrado jardim do Cântico dos Cânticos. Já ia esquecendo a musicalidade dos pássaros que acompanham estes percursos. Lá também é o espaço da sabedoria, e a cada ano ele melhora com novos recantos.

O Jardim Botânico é um lugar especial, para os namorados e os enamorados de um Porto que aqui é mais alegre.

• *Abrão Slavutzky, 59 anos, psicanalista, morador de Porto Alegre. Participou do concurso cultural A Minha Capital, promovido pelo Jornal Zero Hora, em 2007. Este texto foi selecionado e publicado quando da comemoração dos 235 anos de Porto Alegre.*





Um Jardim de 39 Hectares *

Tanta coisa a gente não percebe, quando está perto. Confere? Pois comigo aconteceu esta: sendo vizinho do Jardim Botânico, em Porto Alegre, eu o visito de vez em quando, passeio, tomo um mate à sombra das árvores, vejo meu pequeno filho dar suas primeiras corridas, se aproximar das tartarugas e enxergar pássaros no alto das árvores; mas nem sempre chego a vê-lo como o monumento que ele de fato é. Exatamente o que se passa com o Parque Zoológico, em Sapucaia, que eu preciso voltar a visitar logo, tais e tamanhas são as minhas boas lembranças dele: um espaço público enorme, generoso, à disposição, bichos de todo lado, exotismos e familiaridades, sempre uma instituição competente.

O Botânico eu posso afirmar que está muito bem conservado, com tudo no lugar. Não faz muito houve reparos em escadarias, que deixaram a circulação ainda mais agradável. E as placas de orientação são claras e bonitas, com fotos de um artista excelente, o Manuel da Costa. Estimo que o Zoológico também esteja assim, com boa saúde e bem cuidado. Os dois, que são geridos pela mesma Fundação estadual, têm uns 50 anos de vida; o Botânico tem exatamente meio século, porque nasceu em 1958, por sinal meu ano de nascimento. (Não é querer

puxar a brasa para a minha picanha, mas 58 deu ao mundo brasileiro algumas coisas notáveis, como a Bossa Nova, com o primeiro disco de João Gilberto, e a primeira Copa do Mundo de Futebol, conquistada na Suécia.)

Mas o que eu queria dizer é que no ano passado, em função do sempre ótimo festival de teatro Porto Alegre Em Cena — que neste 2008 completa 15 edições —, levei dois amigos argentinos a passear no Botânico, porque eles manifestaram vontade de conhecê-lo. Outro amigo, daqui mesmo, quando ficou sabendo que os amigos portenhos queriam visitar o Jardim Botânico da nossa cidade, disse com um muxoxo que nem valia tanto a pena. O detalhe é que tanto o amigo porto-alegrense quanto, mais ainda, os amigos do outro lado do Prata, conhecem o equivalente Jardim de lá, e gostam dele, daí a curiosidade pelo nosso.

Eu reagi ao pouco-caso do porto-alegrense que não via méritos no meu vizinho, elogiando o que eu sei que o Botânico é, um sensacional parque da cidade e do estado, do Brasil e de qualquer parte do planeta. Eu o conheço, eu caminho por ele, eu tomo mate nele, eu vejo parte dele da janela da minha casa. E minha defesa se materializou num número: sem ter dados objetivos, e apenas por palpite de quem o frequênta, eu disse, na conversa essa, que o Botânico devia ter uns 45 ou 50 hectares. O inimigo





do Botânico duvidou e fez pouco: disse que o conhecia bem, que havia morado uma época perto dele, passava sempre pela Salvador França, e que ele não passaria de 4 ou 5 hectares. Eu hesitei um pouco — tenho sempre a tendência de achar que eu é que devo estar errado, em disputas —, mas mantive: não senhor, são uns quarenta e tantos.

Resultou que fomos mesmo assim visitar o sensacional parque numa luminosa tarde de primavera, e constatamos a existência de uma verdadeira reserva ecológica no meio da cidade. E descobrimos, os amigos argentinos e eu (sem o porto-alegrense boi-corneta), que sua área oficial é de 39 hectares. Quase bingo para o meu palpite. E para a felicidade dos amigos portenhos, que também o acharam uma maravilha.

Talvez nem valha a pena voltar ao incrível amigo para dizer como é bom, reconfortante, agradável andar pelos passeios e caminhos que o Botânico guarda dentro de si, ou para mostrar a ele que os bancos sob as árvores servem ao mate, à leitura, à conversa amena, à simples e tão rara observação da vida. Talvez seja melhor mantê-lo como um segredo a ser constantemente redescoberto pelos porto-alegrenses e pelos visitantes.

• *Luis Augusto Fischer, 51 anos, professor de literatura brasileira da UFRGS, escritor, autor do Dicionário de porto-alegrês, morador do Bairro Jardim Botânico.*





*Jardim Botânico: minha casa em Porto Alegre**

Quando vim para Porto Alegre fazer faculdade não conhecia nada nem ninguém. Estava começando a fotografar quando fui pela primeira vez ao Jardim Botânico, passei a freqüentá-lo e fotografá-lo constantemente até que chamei a atenção da administração, afinal, estava lá quase todos os finais de semana.

Mostrei meu trabalho para as pessoas certas, isso me abriu as portas para uma carreira profissional de fotografia. Mais do que isso, fiz ótimas amizades.

O Jardim Botânico é incrível, uma ilha de paz na capital gaúcha, mas sem os funcionários, amigos e parceiros ele não seria tão maravilhoso.

Tudo o que já fotografei, e vou fotografar nele, dedico às pessoas que foram como uma família quando eu estava longe da minha própria, e que fizeram do Jardim Botânico minha casa em Porto Alegre.

**Romulo Lubachesky, 28 anos, paranaense, geólogo por formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fotógrafo. Freqüentador assíduo do Jardim Botânico.*



FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA
JARDIM BOTÂNICO

1107



Ramón de Peñfort Malagarriga Heras
(Irmão Teodoro Luís)

A biografia do IRMÃO TEODORO LUÍS, publicada neste livro que registra os 50 anos do Jardim Botânico de Porto Alegre, visa enaltecer o homem que dedicou sua vida à ciência e ao conservacionismo, com o reconhecimento pelos ensinamentos legados a todos com quem conviveu.

Com este registro a homenagem da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

(Albano Backes)*

Ramón De Peñfort Malagarriga Heras nasceu em Figueres, Província de Girona, Espanha, em 20 de abril de 1904, filho de Don Josep Malagarriga e Maria Heras i Calverol. Em 1907, com apenas três anos, seu pai o levou para a escola de Anglés, a qual frequentou durante cinco anos. Em 1917 ingressou como aspirante na Congregação dos Irmãos Lassalistas e, em 20 de fevereiro de 1920, foi admitido definitivamente nessa congregação religiosa. Como era de costume da época, trocou seu nome civil por um nome religioso, passando a se chamar Irmão Teodoro Luís e a usar, a partir de então, a vestimenta própria de La Salle (Lassalista). Em 1º de setembro de 1921 iniciou suas atividades como professor em Tarragona. Foi nesse período, aproveitando os feriados e o tempo das férias, que o Irmão Teodoro Luís começou a estudar mais de perto as plantas da região e iniciou a colecionar material para organizar um herbário. Foi o princípio de uma exuberante carreira de botânico. O empenho no estudo das plantas foi crescente de ano para ano e, já em 1924, dedicava grande parte do seu tempo à coleta e preparação de material de herbário. Nessa época

encontrou-se com o renomado botânico Irmão Sennen, membro da Sociedade Botânica da França e da Sociedade de Botânica de Barcelona. Os encontros e a troca de experiências em assuntos de botânica criaram entre os dois um vínculo muito profundo em prol dos estudos da flora regional. A convite do Professor Emílio Huguet Del Villar, escreveu, em 1925, suas observações sobre a vegetação de Tarragona, segundo o método preconizado por Villar.

O Desembarque No Brasil...

Em 1930, face ao seu profundo comprometimento com a causa religiosa, ofereceu-se para trabalhar em qualquer outro país. Foi-lhe indicado o Brasil. Embarcou no navio Rainha Victória Eugenia, que o deixou em Montevideo, donde seguiu viagem através do Uruguai, entrando no Brasil por Santana do Livramento. De trem, foi à Santa Maria e finalmente à Canoas, aonde chegou em 14 de novembro de 1930. Em princípios de 1931 foi transferido para Caxias do Sul, onde permaneceu até os primeiros meses de 1935, lecionando no Colégio Nossa Senhora do Carmo e conquistando grande admiração dos alunos e da comunidade colegial em geral.

Durante o VII Congresso Rural, realizado em 1933, apresentou a tese “*La Geobotánica al servicio de la ganadería*”, publicada nos Anais do evento.

De Caxias do Sul foi transferido para Canoas. Por ocasião das comemorações do centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, o Governo do Estado organizou uma exposição comemorativa ao evento histórico e o Irmão Teodoro Luís participou da seção de botânica do Pavilhão Cultural, apresentando uma síntese da: *A Geobotánica del Sur del Brasil*.

Em 1937, por ocasião das comemorações do bicentenário da cidade de Rio Grande e com a realização do Congresso de Geografia e História, apresentou uma tese com o título “*La Vege-*

tación Del actual Rio Grande Del Sur em el siglo XVIII”. Durante o segundo semestre do mesmo ano foi para a Europa, onde permaneceu por nove meses divididos entre a França e a Itália, regressando ao Brasil em 1º de julho de 1938.

Com a recém fundada Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi convidado a integrar o Conselho Florestal, iniciando, neste período, os estudos da Flora Fanerogâmica de Porto Alegre, cujos resultados deram origem à publicação da: “*A Flora Analística de Porto Alegre*”.

Em 1942 foi transferido para Minas Gerais, onde trabalhou nas cidades de Machado, Guaxupé e São Sebastião do Paraíso. Além de dedicar-se ao ensino e atividades educacionais em geral, reuniu grande quantidade de material botânico da região, enriquecendo seu herbário.

Em 1945, atendendo convite do Museu Nacional do Rio de Janeiro fez a revisão geral do material do herbário daquela instituição. Foi a partir desse trabalho que começou a dedicar-se mais à revisão das Baccharidinae, tema central dos seus trabalhos botânicos nos anos subseqüentes.

A partir de 1947, por indicação do Reitor da Universidade Católica do Rio de Janeiro, Padre Leonel Franca, prestou serviços àquela instituição.

Em 1948 retornou ao Rio Grande do Sul, onde atuou no Instituto Agrônômico do Sul, em Pelotas e lecionou na Faculdade de Ciências Econômicas. Naquela instituição organizou o Horto Botânico, hoje denominado, em sua homenagem, *Horto Botânico Irmão Teodoro Luís*. Na mesma instituição organizou a seção de Botânica Agrícola, uma biblioteca especializada e um herbário. Em fevereiro de 1949 fundou o *Instituto Geobiológico La Salle*, entidade de cunho científico, cuja finalidade era desenvolver estudos da geobiologia do Estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente transferiu o Instituto para a sua sede definitiva, na cidade de Canoas.

Em 1950 foi convidado pelo Prefeito Municipal de Caxias do Sul, Euclides Triches, para projetar e organizar o Parque anexo aos pavilhões da Festa da Uva, numa área central da cidade de Caxias do Sul. Além de projetar, o Irmão Teodoro Luís trabalhou exaustivamente na sua implantação e freqüentemente era visto trabalhando lado a lado com os operários que executavam os serviços, pois era, segundo afirmava, uma das obras mais importantes de sua vida. Hoje esse parque constitui uma das áreas verdes mais importantes da cidade.

Em 1957, durante o governo do Engenheiro Ildo Meneghetti (1955/1959), o Irmão Teodoro Luis foi nomeado para dirigir os trabalhos de implantação do Jardim Botânico de Porto Alegre. Em 10 de setembro de 1958, após quase dois anos de intensos trabalhos, foi aberta ao público a primeira parte da obra projetada. Permaneceu na direção do Jardim Botânico até início de 1964.

Retorno para a Europa.....

Face às mudanças políticas da época e problemas de saúde, em 22 de fevereiro de 1964, o Irmão Teodoro Luís deixou o Brasil e voltou para a Espanha. Foi morar em Barcelona e dedicou-se ao Laboratório Irmão Sennen. Fez a revisão da relação de *Exsiccata Plantas d'Espagne*, trabalho que contribuiu grandemente para a publicação do primeiro tomo da *Flora Europea*, pela Universidade de Cambridge. Este trabalho, e os que se seguiram até 1980, permitiram a redação atualizada de *Sinopsis da Flora Ibérica*.

Durante o governo do Engenheiro Euclides Triches e a convite do mesmo, o Irmão Teodoro Luís, voltou ao Estado e prestou serviços, por um curto período, à Secretaria de Turismo e Desportos.

Ramón Peñafort Malagarriga Heras (Irmão Teodoro Luís) faleceu em 5 de agosto de 1990 com mais de 86 anos.

O Homem: temperamento ativo, inquieto, sempre disposto a defender suas idéias. Não retrocedia. Tinha vocação para grandes desafios e fibra para sustentá-los. Tudo isso juntamente com uma fé profunda cristalizada numa intensa religiosidade. Gostava falar de política, de religião, de filosofia, de geobotânica. A par de uma cultura extraordinária, era sóbrio, de costumes simples, mas educado, inimigo declarado do desperdício, do álcool e do cigarro. Suas constantes leituras e viagens freqüentes faziam com que suas conversas despertassem grande interesse.

O Professor: segundo o testemunho de alunos *“Era MESTRE com todas as letras maiúsculas... fazia refletir. Não fazia... mandava fazer... indicando, estimulando. Era o arauto da exatidão, o observador, o cientista. Vibrava e fazia vibrar com a verdade da natureza e da inteligência. Amigo das plantas, botânico reconhecido universalmente, filósofo por caráter e profissão, em qualquer ocasião e assunto referia-se de imediato ao essencial... Metódico, sistemático, o que pensava e realizava obedecia a uma espinha dorsal, clara e definida”*. Sua grande característica como professor era a de aliar os conhecimentos teóricos com o conhecimento prático. Por isso, se trabalhava numa instituição e caso não existissem os laboratórios correspondentes às aulas que ministrava, empenhava-se para que os mesmos fossem instalados. Em diversas instituições organizou herbários didáticos, que muitas vezes terminavam sendo coleções de grande valor científico para a flora local ou mesmo regional, laboratórios de química, de mineralogia, etc. Suas aulas de botânica eram dadas mais freqüentemente nos jardins dos colégios ou em áreas com vegetação nativa da região. Preocupado com a problemática da educação básica em geral, foi um dos idealizadores

das denominadas Escolas Normais, em nível de segundo grau, com a missão de preparar professores para atuarem no ensino básico.

Como testemunho de seu desempenho como professor, um grupo de seus antigos alunos escreveu “...*uma plêiade de alunos, por sua brilhante atuação social e profissional, honram a ação anônima do humilde professor que lhes ensinou a resolver os problemas da vida...*”

O Botânico: desde jovem começou a desenvolver seu interesse pelo estudo das plantas. Sempre teve a preocupação em coletar material botânico e incluí-lo em algum herbário. Com sua chegada ao Brasil encontrou um vastíssimo campo a ser explorado e estudado. Por toda parte onde trabalhou sempre encontrou tempo para coletar e estudar o material herborizado. Prestou serviços em diferentes herbários instituições brasileiras e estrangeiras. Fundou o Instituto Geobiológico La Salle para desenvolver pesquisas relativas à geobiologia do RioGrande do Sul. Para realizar as suas excursões de coleta de material botânico conseguiu, muitas vezes, o apoio da então Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Transformava um vagão de carga em moradia e se deslocava até o ponto onde queria realizar coletas. O vagão permanecia estacionado num desvio, durante o tempo necessário para realizar os trabalhos na região. Para deslocar-se para locais mais afastados da estação utilizava o transporte disponível do local. Concluído o trabalho numa região, solicitava o deslocamento do vagão até a próxima estação. Dessa maneira passou muitas semanas, principalmente durante as férias de verão e por vários anos, morando num vagão e trabalhando nos arredores das estações. Quando regressava trazia todo o material já herborizado.

O Conservacionista: discípulo da Escola do Professor Emílio Huguet Del Villar e com os profundos conhecimentos que adquiriu da geobiologia do Rio Grande do Sul, foi sem sombra de dúvida, não só no nosso meio, mas por toda a parte onde esteve, um precursor dos movimen-

tos em defesa da ecologia, com forte ênfase na conservação. Dedicou grande parte de sua vida à organização de herbários, de áreas visando a conservação, sendo os exemplos mais concretos o Horto Botânico Irmão Teodoro Luís, em Pelotas, hoje sob a responsabilidade da Universidade Federal daquela cidade, o Parque Urbano em Caxias do Sul, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal e o Jardim Botânico de Porto Alegre, hoje sob a responsabilidade da Fundação Zoológica do Rio Grande do Sul. Em seus planos estava definido um projeto visando a implantação das, assim chamadas, Estações Biológicas, que deveriam ser anexas ao Jardim Botânico, contendo, cada uma, tipos de vegetação característicos das diferentes regiões do Estado. Algumas já tinham sido definidas: a primeira era parte da área do atual Parque Saint Hilaire, em Viamão, a segunda seria implantada no município de Irai e a terceira no município de Veranópolis.

Defensor da agricultura orgânica realizava palestras, fazia campanhas e demonstrações práticas junto aos agricultores, particularmente na região de Caxias do Sul, da qualidade dos alimentos oriundos de cultivos ecologicamente conduzidos.

Incentivou também o uso terapêutico das plantas, convencido que muitas espécies possuíam princípios ativos altamente eficientes no tratamento de doenças sem deixarem efeitos de caráter secundário. Por muitos anos prestou serviços ao Laboratório Vegeton dando garantias do uso correto das espécies, da coleta e da preparação de todo o material. Pessoalmente saía para coletar as plantas procurando que isso fosse feito no estágio fisiológico certo (em fase vegetativa, em floração, com frutos) a parte certa (raiz, casca, folhas, frutos, sementes), em períodos diuturnos (de dia, ao amanhecer, de noite). Empreendia longas viagens para conseguir determinadas espécies.

A homenagem prestada pelo Jardim Botânico, dedicando ao Irmão Teodoro Luís o Núcleo de Educação Ambiental, foi, sem dúvida, uma homenagem mais do que justa e merecida a quem tanto valorizou e defendia o uso sustentado dos recursos advindos da flora regional.



Publicações:

- Obra educativa dos Irmãos (Lassalistas) no Rio Grande do Sul e Esboço Geobotânico, 1936.
- A Vegetação do Estado do Rio Grande do Sul no século XVIII, 1937.
- Regiões Climáticas, 1951.
- Index Baccharidinarum, 1952.
- Clima do Estado do Rio Grande do Sul, 1955.
- Estudo da Flora do País, 1957
- Notas críticas sobre o Herbário de Fanerogamia do Museu de Paris, 1958.
- Flora Analítica de Porto Alegre, 1960.
- Guia para os Visitantes do Jardim Botânico de Pelotas, 1962.
- Flora Analítica de Barcelona, 1965.
- Notas fitocorológicas, 1968.
- Flora da Província de Tarragona, 1971.
- Filosofia da Filosofia, 1974.
- Catálogo das Plantas do Alto Ampudán, 1976.
- Nomenclator Baccharadinarum Omnium, 1976.

Um relacionamento por muitos anos e que perdura *in memoriam*:

Como estudante de segundo grau em Caxias do Sul, tive a oportunidade de acompanhar os trabalhos de implantação do Parque junto aos Pavilhões da Festa da Uva. Senti de perto o seu empenho pelo bom andamento das obras. Aos poucos surgiu entre nós uma relação mais direta e terminei encontrando a minha vocação dentro da História Natural, graças ao Irmão Teodoro Luis. Grande parte dos conhecimentos em botânica que adquiri durante o curso de graduação na universidade e durante os anos de recém formado, devo a ele. A especialidade dentro da botânica na qual iniciei minhas pesquisas, assim como a primeira monografia que publiquei, foram realizadas sob sua orientação. As horas que passei a seu lado em conversas informais, no herbário, na biblioteca e, principalmente, em coletas exaustivas pelo Rio Grande do Sul revelaram, além do botânico, a sua extraordinária capacidade de comunicação e de transmitir entusiasmo por uma causa: a botânica. Foi durante os anos do curso de graduação em História Natural que iniciaram as obras de implantação do Jardim Botânico de Porto Alegre. Nessa época a nossa relação já não era mais simplesmente de professor e aluno, mas sim de botânico experiente para principiante e nada melhor do que sentir de perto o entusiasmo pela causa abraçada. Nesse período, o assunto obrigatório nas conversas era o andamento das obras no Jardim Botânico. Falava das dificuldades, das incompreensões, das rivalidades, mas e sobretudo, dos sucessos, dos apoios recebidos, da aquisição de coleções, da doação de mudas, etc. Foi com o seu apoio que estagiei em diversos jardins botânicos, principalmente no do Rio de Janeiro, Instituto de Botânica de São Paulo, Museu Goeldi, em Belém do Pará, Caracas, Argentina, México. Era um homem generoso, com quem



nasceu e cresceu uma amizade duradoura, juntamente com um educador admirável. Os ensinamentos que dele recebi influenciaram fortemente toda a minha vida e toda a minha maneira de ser.

Um dia cada um seguiu por novos caminhos. Ele voltou para a Europa e eu fiz concurso público para trabalhar no Instituto de Botânica de São Paulo, mas os caminhos da vida levaram-me ao Jardim Botânico de Porto Alegre. E foi ali que nos reencontramos. Numa manhã estava sentado à mesa de trabalho quando entrou na pequena sala, de forma um tanto inesperada, o Irmão Teodoro Luís. De imediato levantei-me, abracei-o e queria que ele se sentasse na cadeira de trabalho, o que de forma alguma aceitou. Sentados lado a lado a conversa estendeu-se por horas. Mostrei-lhe o novo projeto do Jardim Botânico, em fase de conclusão. Caminhamos pelo Jardim cujas obras tinham tomado novo impulso. Senti da parte dele toda a satisfação pela continuidade das obras, elogiou o novo projeto, colocou-se à disposição no que pudesse ser útil e contagiou-me como nunca com seu entusiasmo. A partir dessa visita estabeleceu-se uma nova relação entre nós. No decorrer dos anos subseqüentes multiplicaram-se as correspondências e por ocasião dos 25 anos do Jardim, enviei-lhe uma longa descrição do que havíamos conseguido realizar e, em resposta mandou-me uma carta de poucos parágrafos e que guardo com muito carinho, onde escreveu: “*Feliz o mestre quando o discípulo o supera*”.

* *Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre, no período 1973/1979 e 1981/1987.*





Direções do Jardim Botânico de Porto Alegre

(1958 A 2008)

- De março de 1957 a maio de 1964: Irmão Teodoro Luís (Ramón de Peñafort Malagarriga Heras)
- De maio de 1964 a julho de 1967: sem diretor
- De julho de 1967 a março de 1974: Gilberto Conrado Mattes
- De março de 1974 a maio de 1979: Albano Backes
- De maio de 1979 a janeiro de 1980: Gilberto Conrado Mattes
- De fevereiro de 1980 a junho de 1981: Marta Elena Fábian
- De julho de 1981 a junho de 1987: Albano Backes
- De agosto de 1987 a março de 1991: Maria Cristina Flóra
- De março de 1991 a junho de 1992: Cristina Leonhardt
- De julho de 1992 a fevereiro de 1994: Georg Joachim Hennig
- De fevereiro de 1994 a julho de 1995: Rosa Maria Pacheco da Silva
- De julho de 1995 a janeiro de 1998: Ivo Krauspenhar
- De janeiro de 1999 a maio de 1999: Cristina Leonhardt
- De maio de 1999 a julho de 2002: Vera Maria Barreto Barbosa
- De julho de 2002 a agosto de 2003: José Fernando da Rosa Vargas
- De agosto de 2003 a abril de 2007: Hélio Almeida de Oliveira
- De abril de 2007 até a presente data: Raquel Corine Scalabrini



Poema
As Quatro Estações
Luiz Coronel

Nesse Outono tão azul
tão de leve o tempo avança
que as horas não correm, dançam
enquanto o tempo descansa.

Primavera, primavera
me revela teus segredos:
os teus ventos são suspiros
da lua sobre o arvoredo?

Nos ventos da primavera
perfumes de madressilvas.
Na torre dos edifícios
soluça a lua cativa.

Malsinados sejam
os que empalham araras,

cassam a carteira de vôo
das borboletas
e impõem a Lei do Silêncio
sobre bem-te-vis.

Vêde:
os ramos
da roseira
são elevadores
por onde sobem aromas
e cores
que explodem
no corpo das rosas.

Com um punhado de terra
nas mãos
a natureza opera seus prodígios.



Créditos das fotos contidas neste livro

| Fotógrafo: | Páginas: |
|---------------------------------|--|
| Andréa Carneiro | 27 |
| Cláudia Silveira Rodrigues | 7 - 23 - 32 - 35* - 36* - Foto 1* da pág. 41 - Foto 1* da pág. 50 - Foto 1* da pág. 51 - Fotos 1 e 3 da pág. 68 Foto 3* da pág. 69 |
| Claudimar Fior | 29 |
| Cristina Leonhardt | 22 - 30 |
| Daniel Araujo | Foto 1 da pág. 38 |
| Hélio Oliveira | Foto 2 da pág. 41 - 56 |
| José Fernando Varga | Foto 3 da pág. 38 - Foto 2 da pág. 39 |
| Marcio Rodrigo Baptista Marques | Fotos 1 e 3 da pág. 39 |
| Ricardo Ramos | 11 - 12 - 14 - 21 - 33 - Fotos 1 e 2 da pág. 34 - 45 Fotos 1, 2 e 3 da pág. 46 - Fotos 1, 2 e 3 da pág. 47 Fotos 2 e 3 da pág. 48 - Fotos 1, 2 e 3 da pág. 49 Foto 3 da pág. 50 |

* Foto cedida pelo Núcleo de Fotografia da UFRGS, pertencente ao projeto BIOS.

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

Jardim Botânico – Museu de Ciências Naturais – Parque Zoológico

JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

50 ANOS CONSERVANDO A FLORA GAÚCHA

Publicação editada pela Coordenadoria de Comunicação Social/FZB-RS

Planejamento e Coordenação Editorial e de Produção: Jorn. Elisabete Monlleo Martins da Silva

- Reg. Prof. n° 1427

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Cláudia Silveira Rodrigues

Comissão Redatorial: Claudimar Fior, Cristina Leonhardt, Elisabete Monlleo Martins da Silva,

José Fernando Vargas, Luiz Carlos da Silva e Saulo Barbosa Lopes.

Tiragem: 1.000 exemplares

Jardim Botânico de Porto Alegre

Rua Dr. Salvador França, 1427 – CEP: 90.690 – 000 – Porto Alegre, RS

Fone: 0xx. 51. 3320.2024

Email: jbea@fzb.rs.gov.br e jbotanico@fzb.rs.gov.br

Site: www.fzb.rs.gov.br